

Conhecimento se associa ao humor

O comediante Pedro Bismark, mais conhecido como Nerso da Capitinga, garante que contar piadas não é fácil. É preciso estar atento às reações da platéia, ter habilidade para conduzir o raciocínio do público, até apresentar-lhe o final inesperado, e principalmente não usar mais palavras do que o necessário para não destruir o impacto. "O compromisso maior não é com a piada inédita e sim com a maneira original de contá-la."

Em dez anos de carreira, Bismark, que na verdade se chama Ademilson Pedro da Cruz, aprendeu que para fazer rir é preciso não causar nojo, pena ou raiva. Cada texto que apresenta é ensaiado, modificado e adaptado às diferentes situações. "O ouvinte precisa ser convencido de que vale a pena rir."

O humorista Chico Anysio, 62 anos, 46 de carreira, é um defen-

sor do uso do humor em atividades que vão além do lazer. "Quando meus filhos eram pequenos lhes ensinava satirizando", lembra. "Com isso, eles aprendiam a associar o conhecimento a algo engraçado", diz. "Sempre tem espaço para a alegria", acredita Chico. Seu admirador, o comerciante português Eulálio Gama, que está no Brasil há 20 anos, é conhecido pelos amigos por sua timidez. "Só me descontraio quando começo a contar piadas, de preferência de português", afirma. Foi assim que ele se aproximou de sua mulher e fez vários amigos.

Para a psicanalista Maria Stela de Godoy Moreira, humor pode ser uma forma de defesa. "Quando usado unicamente para fugir da realidade, costuma ser prejudicial, mas em geral é o triunfo do próprio prazer sobre as adversidades." (G.L.)